

A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA DENOMINATIVA NA LEXICOGRAFIA CORRENTE NO BRASIL

Lucimara Alves da Conceição Costa*
Claudia Zavaglia**

A variação terminológica, por muito tempo, foi considerada um dos maiores problemas da comunicação especializada. Para muitos autores, a ausência da biunivocidade é uma prova de que a Terminologia há muito não cumpre, ou na verdade nunca cumpriu, o papel de sistematização e padronização terminológica.

Entretanto, devido ao desenvolvimento e às mudanças na concepção e compreensão da Terminologia, em especial o surgimento das vertentes modernas, como a Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT (Cabré, 1999), a variação deixou de ser considerada um problema da comunicação especializada, propiciando a ampliação dos estudos terminológicos e o surgimento de novas pesquisas e descobertas relacionadas a esse tema.

Dentre as formas de variação terminológica, podemos elencar a variação conceitual, a saber, quando há diferentes conceitos ou variantes conceituais para uma única denominação, além da variação denominativa, ou seja, termos variantes sendo atribuídos a um mesmo conceito, em uma mesma área de especialidade.

No âmbito da Lexicografia, constata-se que as variações terminológicas conceitual e denominativa são bastante comuns, como podemos exemplificar utilizando as palavras de Barbosa, ao se referir às variações terminológicas dos termos *glossário*, *dicionário* e *vocabulário*.

Considerando o conjunto de obras lexicográficas e terminológico-terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceptuais, denominativas, definicionais dos tipos desses textos, não obstante o estágio avançado em que se encontram, neste fim de século, as pesquisas das ciências da palavra, nessas áreas, não obstante, igualmente, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual (Barbosa, 2001: 26).

Comungamos com o raciocínio da autora e apontamos que não é apenas no Brasil que ainda não foi possível estabelecer uma terminologia da Lexicografia uniforme e consensual. Na verdade, nem mesmo acreditamos que isso seja possível ou necessário, devido à grande complexidade dos fatores linguísticos, cognitivos e sociais que envolvem a prática terminológica.

Sobre a terminologia lexicográfica brasileira, convém ressaltar que a Lexicografia no Brasil não é uma ciência ou prática recente e tampouco insipiente. Sendo assim, parece lógico pensar que essa terminologia já se encontra bastante estabilizada; porém, se tomarmos como base os diferentes grupos de especialistas que solidificaram a Lexicografia no país, veremos que essa estabilização é muito relativa, principalmente quanto ao caráter semântico dos termos utilizados nessa área e também concernente às variantes denominativas comumente empregadas.

Nesse sentido, a exemplo do que afirma Tercedor (2004: 199), entendemos que a variação denominativa não deve ser vista como uma falta de conscientização terminológica ou como ausência de conhecimento por parte do especialista, mas sim como uma forma de revelar diferentes traços e formas de se conceber uma mesma realidade, pois, conforme ressalta Freixa:

As denominações denominam conceitos, mas também significam; tradicionalmente se tem afirmado que o termo tem um significado objetivo, neutro e somente denotativo, e os dados analisados deixam clara a existência de mudanças ou variações semânticas nas diferentes maneiras de se denominar um mesmo conceito¹ (Freixa, 2002: 363).

* Instituto Federal de Mato Grosso do Sul- IFMS. E-Mail: lucimara.costa@hotmail.com

** Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho- UNESP/IBILCE. E-Mail: zavaglia@ibilce.unesp.br

Destarte, tomando como base os pressupostos de Freixa (2002), Cabré (2008), Fernandez-Silva *et al.* (2008) e Fernández-Silva (2010), neste trabalho, objetivamos discorrer sobre a variação terminológica denominativa na Lexicografia em uso no Brasil e suas consequências².

Para isso selecionamos alguns dos termos mais frequentes retirados de um *cópus* especializado (*cópus_DLB*³), constituído por 300 textos do âmbito da Lexicografia, escritos por autores brasileiros e estrangeiros, na modalidade do português brasileiro, em um recorte temporal de 1980 a 2013.

Por meio da análise dos contextos definitórios apresentados para cada um desses termos, foi-nos possível determinar se os mesmos apresentavam variação denominativa, com ou sem consequências cognitivas, e as possíveis causas dessa variação.

Destacamos que, devido ao caráter sucinto deste artigo, apresentaremos apenas dois exemplos daqueles que coletamos e analisamos em nosso trabalho original.

Variação denominativa sem consequências cognitivas e as possíveis causas dessa variação

Segundo Cabré (2008) e Fernández-Silva (2010), a variação denominativa pode ocorrer *com ou sem consequências cognitivas*, como podemos verificar a seguir:

Plano cognitivo	Plano lingüístico			Exemplos
variação denominativa sem consequência cognitivas	Um conceito	Vários termos	Forma distinta	Zona de produção/área de produção
			Mesmo significado	
variação denominativa com consequências cognitivas	Um conceito	Vários termos	Forma distinta	Zona de produção/zona de cultivo
			Significado distinto	

Tabela 1. Tipologia das variações denominativas. Fonte: adaptado de Fernández-Silva (2010: 61)

A *variação denominativa sem consequências cognitivas* ocorre quando um mesmo conceito é representado por denominações formalmente distintas, mas que possuem o mesmo significado, ou seja, equivalem-se semanticamente. Sendo assim, a variação da denominação não difere na forma como o conceito é representado e não altera a forma como ele se projeta e como é entendido pelo receptor.

Conforme ressalta Cabré (2008: 28), nesse tipo de variação denominativa, o uso de uma ou de outra variante não interfere e nem produz mudanças na projeção do conceito no discurso especializado.

Como exemplos de variação denominativa sem consequências cognitivas podemos citar os termos **verbete** e **artigo lexicográfico**, considerados como formas variantes denominativas sinônimas de um mesmo conceito.

¹ Les denominacions denominem conceptes, però també signifiquen; tradicionalment s'ha afirmat que el terme té un significat objectiu, neutre i només denotatiu, i les dades analitzades deixen veure l'existència de canvis semàntics en les maneres diferents de denominar un mateix concepte.

² Este trabalho é parte da pesquisa de Doutorado intitulada *Reflexões sobre a variação terminológica na Lexicografia corrente no Brasil: análises e consequências*, realizada em parceria de cotutela entre a Universidade Estadual Paulista/IBILCE-SJRP/Brasil e a Universidad Pompeu Fabra/IULA-Barcelona/Espanha e foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior - Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE - referente ao processo nº 3366/13-8.

³ O *Cópus_DLB*, construído especialmente para essa pesquisa, foi constituído utilizando o programa Terminus; um programa computacional pertencente ao grupo IULATERM, do Instituto de Linguística Aplicada (IULA). Para sua composição selecionamos 300 textos de tipologias diversas: artigos, livros, teses, dissertações, resenhas, resumos e relatórios de pesquisa, sobre a Lexicografia brasileira.

Artigo lexicográfico		Verbetes	
Fonte – autor e ano	Contexto definatório ⁴	Fonte – autor e ano	Contexto definatório
Heinrich, 2007	O verbetes , ou artigo lexicográfico , é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário, sendo formado pelo lema, que é a unidade léxica citada, e pelas informações sobre esta unidade.	Heinrich, 2007	O verbetes comumente ocupa um parágrafo e acaba em um ponto. Também se pode caracterizar o verbetes como o registro da entrada no dicionário e, ao mesmo tempo, o conjunto das informações organizadas formalmente sobre a própria entrada.
Fechine & Pontes, 2011	Por um lado, deve ser considerado que a transmissão do significado da unidade contida no dicionário é responsabilidade do artigo lexicográfico e não só da definição. Por outro lado, deve ser levado em consideração que o sentido é transmitido por e no artigo, o que permite dar informação qualitativa e quantitativamente superior à informação que a definição pode oferecer.” (GELPÍ e CASTILLO, 2004: 131).	Fechine & Pontes, 2011	Conforme Pontes (2009: 100), o verbetes constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer cerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada. Portanto, além da definição da palavra, o verbetes também fornece várias informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras.
Muraka Wa, 2010 ^a	"Todo dicionário [...] consiste num estudo atomístico do léxico na medida em que considera isoladamente as palavras que servem de entradas", diz Porto-Dapena (2002: 182). É a partir da palavra-entrada ou lema que se organiza o verbete ou artigo lexicográfico que oferece uma série de informações sobre a unidade lexical em estudo, informações que se referem a múltiplos aspectos, mas que têm sua prioridade no aspecto semântico. Desta forma, pode se dizer como Dubois e Dubois (1971: 84), que o verbete de um dicionário é um enunciado que tem como sujeito a palavra-entrada e como predicado a definição. Esta, por sua vez, é o centro de todo o artigo lexicográfico .	Silva (P), 2006	O verbetes é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada verbetes se compõe de um lema, ou palavra-entrada, que é sua parte enunciativa.
Damim, 2005	Em, o verbete e sua estrutura, podemos encontrar uma explicação para as seguintes partes do verbete: entrada, entrada secundária, rubricas, definições, predicação, série sinonímica, acepção, remissão, etimologia e palavras-guias. Nesse item observamos uma certa heterogeneidade daquilo que é considerado da ordem do verbete. No mesmo grupo em que são listados elementos que são, de fato, da ordem interna do artigo lexicográfico , são também incluídos elementos diversos, como o uso de palavras-guia, que dizem respeito à organização geral do dicionário..	Finatto, 1996	A dimensão microestrutural corresponde ao verbetes ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico. E nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, podemos chamar 'signo-verbete', ou a unidade constituinte do arrolamento de signos linguísticos. Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe. A microestrutura do dicionário, ou estrutura do verbetes , corresponde a toda a construção do verbetes , incluídas eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado.

Tabela 2. Contextos definitórios artigo lexicográfico e verbete

Observando as definições apresentadas, podemos constatar que **artigo lexicográfico** e **verbetes** são variantes denominativas para um mesmo conceito, uma vez que possuem formas distintas, mas um mesmo conceito e, sendo assim, não apresentam nenhuma incidência cognitiva sobre o receptor, já que

⁴ Todos os contextos definitórios correspondem, *ipsis litteris*, ao original do autor correspondente.

este recebe as mesmas informações conceituais a respeito do termo definido. Portanto, esses termos podem ser considerados sinonimicamente equivalentes.

Quanto à sua utilização na Lexicografia brasileira, destacamos que, embora os dois termos sejam comumente utilizados, a unidade terminológica (UT) **verbetes** é a mais frequente e comumente aceitável no Brasil, ao passo que **artigo lexicográfico** parece consistir em um decalque da unidade terminológica *artículo lexicográfico*, utilizado na Lexicografia espanhola.

A respeito das justificativas dessa variabilidade, podemos apontar que, tendo como embasamento as origens e causas da variação denominativa apresentadas por Freixa (2002) e Fernández-Silva (2010), constata-se que as variantes denominativas acima apresentadas foram causadas por uma motivação subjetiva.

Isso pode ser comprovado, principalmente, ao observarmos a concorrência existente entre **artigo lexicográfico** e **verbetes**, em que dois dos autores selecionados apresentam variação denominativa em uma mesma obra, a saber: Heinrich (2007) e Fehine e Pontes (2011), conforme retratado na Tabela 02.

Uma prova de que a motivação individual é bastante comum como uma das principais causas de variação denominativa são afirmações como a de Welker ao se referir ao termo metalexigrafia:

[...] para a outra acepção – a *lexicografia teórica* – emprega-se freqüentemente, em línguas como o inglês, francês e alemão, o termo *metalexigrafia*, e tendo em vista que, internacionalmente, ele é adotado por muitos, vou usá-lo também em português, assim como *metalexicógrafo* e o adjetivo *metalexigráfico* (Welker, 2004: 11)

Quanto à classificação, temos a seguinte relação entre essas variantes terminológicas nos planos linguístico e cognitivo:

Plano cognitivo	Plano linguístico			Classificação
Variação denominativa sem consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	forma distinta	sinônimos
			mesmo significado	

Tabela 3. Relação conceitual entre as unidades artigo lexicográfico e verbete

Variação denominativa com consequências cognitivas e as possíveis causas dessa variação

Conforme pudemos constatar em nossos dados, a variação denominativa com consequências cognitivas também pode ser expressa de formas diferentes de acordo com dois pontos de vista: (i) pelo significado expresso nas definições apontadas pelos autores e (ii) pelo entendimento expresso, literalmente, na denominação utilizada. Isso ocorre porque, como apontam Cabré (2008) e Freixa (2002), os termos não só denominam, mas acima de tudo, significam.

Outro ponto a respeito da variação denominativa com consequências cognitivas é o fato de que, às vezes, alguns traços significativos de um mesmo conceito ou conceitos distintos relacionam-se de alguma forma, ocasionando uma relação de inclusão ou de intersecção⁵ entre os termos. Essa relação pode ser assim explicada: **intersecção**, quando dois conceitos se relacionam parcialmente, apresentando traços em comum e coincidindo de alguma forma; **inclusão (c)**, quando um conceito se apresenta em uma relação de inclusão com outro conceito, isto é, uma relação de composição (formar ou fazer parte de...).

⁵ Essa relação de inclusão e intersecção entre os termos é utilizada por Fernández-Silva (2010), ao analisar os termos utilizados no âmbito da pescaria, nas línguas galega e francesa.

Embora sejam termos clássicos da Lexicografia, há ainda hoje uma grande discussão a respeito da utilização dos termos **macroestrutura** e **nomenclatura** e a compreensão dos mesmos como sinônimos. Vejamos:

Macroestrutura		Nomenclatura	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
Heinrich, 2007	A macroestrutura pode ser definida como o conjunto das entradas do dicionário, conjunto total de lemas de uma obra. É sinônimo de nomenclatura e nominata, também podendo ser definida como a nomenclatura da obra, ou ainda, a forma como o corpo da obra é organizado. Normalmente as entradas são ordenadas conforme a grafia. Fazem parte da macroestrutura as opções de ordenamento do conjunto de signos-lema do dicionário.	Hoyos, 2002	A macroestrutura corresponde, basicamente, à nomenclatura do dicionário, ou seja, o número de vocábulos registrados, na sequência vertical ou paradigmática. Fazem ainda parte dessa estrutura, a apresentação inicial do dicionário, qualquer tipo de introdução e os apêndices.
Bugueño-Miranda & Zanatta, 2008	Hartmann (2001: 64) define macroestrutura como o conjunto de entradas que geralmente é organizado de forma alfabética nos dicionários, ou, como nos thesaurus, “seqüência sistemática de um sistema lógico”. Béjoint (2001) apresenta uma visão complementar a esta. Segundo o autor, o conceito de macroestrutura também pode ser usado para referir-se à maneira como as entradas são organizadas nos diferentes dicionários. Welker (2004: 80), da mesma opinião, caracteriza, macroestrutura , nessa acepção, como a organização do corpo do dicionário.	Silva (P), 2010	O dicionário é uma obra que tem uma arquitetura especial. Um dos aspectos mais característicos do dicionário é a forma dupla de apresentação do texto lexicográfico: por um lado há a macroestrutura ou nomenclatura , uma sequência horizontal que forma os verbetes, que contém informações variadas sobre cada entrada.
Braga, 2010	Macroestrutura pode ser definida como a maneira como os artigos são dispostos ao longo da obra, ou seja, o formato vertical, a ordenação das entradas do documento.	Damim, 2011	Nos dicionários escolares, a nomenclatura é a totalidade de entradas do dicionário organizadas em ordem alfabética.

Tabela 4. Contextos definitórios – macroestrutura e nomenclatura

Como podemos depreender das informações acima, não há um consenso geral a respeito da definição de **macroestrutura** e sua relação com a unidade **nomenclatura**.

Temos, nesse caso, pelo menos três posicionamentos: (i) para um grupo de autores, como Heinrich, Silva (P), Bugueño-Miranda e Zanatta, a **macroestrutura** pode ser entendida como sinônimo de **nomenclatura** e compreende tanto o conjunto das entradas que compõe o dicionário, quanto à organização dessas unidades, (ii) por outro lado, para os autores Braga, Damim e Welker a **macroestrutura** diz respeito somente à organização das entradas do dicionário e, sendo assim, não equivale semanticamente a UT **nomenclatura**, considerada como a seleção dos itens que compõem a macroestrutura e, ainda, (iii) a **macroestrurura** corresponde à junção das entradas acrescidas dos textos externos, como aponta Hoyos. Neste trabalho, embasados na afirmação de Biderman (2002: 87) de que “os teóricos do léxico também usam o termo macroestrutura (como nomenclatura) que refere, porém, um conceito ligeiramente distinto”, entendemos que **macroestrutura** e **nomenclatura** não são equivalentes sinonimicamente, contrariando o que vem sendo normalmente defendido por estudiosos da Lexicografia em geral no Brasil. Para nós, **macroestrutura** diz respeito apenas à ordenação e à organização das entradas no dicionário. Já a **nomenclatura** tem relação com a escolha vocabular, isto é, a seleção das entradas que comporão a **macroestrutura**.

Defendemos nossa posição pautando-nos nos diferentes contextos e empregos da UT **nomeclatura**, a saber: (i) conjunto de termos técnicos ou terminologias, (ii) lista de nomes, (iii) catálogo ou até mesmo (iv) conjunto de indivíduos, ou “pessoas que gozam de privilégios particulares; grupo de privilegiados” (Houaiss, 2001), ao passo que o conceito de **macroestrutura** sempre está relacionado à estrutura e ordenação dos itens lexicais selecionados. Além disso, seguimos os preceitos de Béjoint (2000: 13) que aponta que, embora muitos autores utilizem **macroestrutura** como sinônimo de **nomenclatura**, é

preferível usar este último como sinônimo de *word-list*.

Dizemos que há consequências cognitivas nesse tipo de variação, pois nos parece perfeitamente claro que o uso de uma ou de outra variante altera não só a estrutura formal dos termos, mas também a forma como o conceito é recebido e compreendido.

Nesse caso, ainda que para alguns autores não haja nenhuma interferência no plano cognitivo, uma vez que consideram essas duas variantes como equivalentes sinonimicamente, sempre haverá consequências cognitivas para o receptor, dado o fato de que ele pode ter diferentes perspectivas do conceito de **nomenclatura**.

Para nós, há nessas UTs uma relação de inclusão, ou seja, uma ou várias nomenclaturas podem estar inseridas em uma macroestrutura, porém, não existe uma relação de sinonímia absoluta, uma vez que a nomenclatura pode ser considerada como uma parte da macroestrutura, mas não como equivalente a ela.

Nesse sentido, essas unidades assim se relacionam:

Plano cognitivo	Plano linguístico			Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta	Sinônimos relativos por inclusão Nomenclatura \subset macroestrutura
			Significados aproximados, mas não idênticos	

Tabela 5. Relação conceitual entre as unidades macroestrutura e nomenclatura

A respeito das origens e causas para a variação denominativa entre **macroestrutura** e **nomenclatura**, acreditamos ser particularmente difícil apresentar uma única causa. De fato, por um lado poderíamos dizer que essa variação é ocasionada pela influência de escolas/tendências lexicográficas que um estudioso seguiu e assim teríamos, por exemplo, Biderman, que seguiu a corrente francesa e sua seguidora, Silva que, embora tenha a formação no Brasil, tendo sido orientada por Biderman, seguiu os mesmos preceitos teóricos. Para as duas autoras, **macroestrutura** e **nomenclatura** são sinônimos.

Por outro lado, Braga e Hoyos também adotam a corrente francesa; entretanto, apresentam concepções diferentes a respeito dessas unidades. Para a primeira, a macroestrutura refere-se somente à organização das entradas e, para a segunda, compreende desde a nomenclatura até a junção dos textos externos, o que preferimos denominar de megaestrutura.

Welker, Heinrich e Bugeño-Miranda seguem a corrente alemã. Para Welker, **macroestrutura** diz respeito somente à ordenação e organização das entradas; portanto, não é sinônimo de **nomenclatura**. Já de acordo com Bugeño-Miranda e Heinrich **nomenclatura** diz respeito tanto à seleção lexical quanto à organização da nomenclatura.

Sendo assim, acreditamos que a formação lexicográfica não é o fator que origina a variação.

Em outra esfera, acreditamos ser coerentemente possível que a causa dessa variação seja a evolução do conhecimento que os autores adquirem em sua trajetória profissional. Exemplo disso é o fato de Biderman, em 1984⁶, apontar que os termos **macroestrutura** e **nomenclatura** se referem à listagem das palavras-entrada e sua organização, considerando-as sinônimas, e, em 2002⁷, afirmar que esses termos são ligeiramente distintos, ou seja, o contrário do que apontara antes.

⁶ Biderman, M. T. C. (1984b). "O dicionário padrão da língua". *Alfa*, 28 (suplemento). 27-43.

⁷ "Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss". Em *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, USP. 2002.

Considerações finais

Por meio da análise dos dados do corpus e impulsionados pela compreensão de que a biunivocidade dos termos não é um fato sempre possível e consumado na realidade do discurso especializado, bem como pela aceitação de que a variação e a heterogeneidade são aceitáveis e passíveis de estudo, de acordo com essa concepção atual e moderna da Terminologia, pudemos analisar e entender a variação terminológica denominativa e as nuances significativas por trás da escolha dessas variantes, conforme apontamos e analisamos anteriormente.

Referências bibliográficas

- Barbosa, M. A. (2001). “Dicionário, vocabulário, glossário: concepções”. *Caderno de Terminologia*, 01.
- Béjoint, H. (2000). *Moderny Lexicography: An introduction*. New York: Oxford U. Press.
- Biderman, M. T. C. (1984a). “A ciência da Lexicografia”. *Alfa*.
- Biderman, M. T. C. (1984b). “O dicionário padrão da língua”. *Alfa*, 28 (suplemento). 27-43.
- Biderman, M. T. C. (2002). “Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss”. Em *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, USP.
- Bugueño-Miranda, F. V.; Farias, V. S. (2011). “Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas”. Em *Estudos da Língua(gem)*, 9 (1).
- Cabré, M. T. (1999). *La Terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- Cabré, M. T. (2008). “El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en terminología”. *Ibérica*, 16.
- Cabré, M. T. (2009). “La Teoria Comunicativa de la Terminología, una aproximación lingüística a los términos”. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, XIV-2.
- Fechine, L. A. R.; Pontes, A. L. (2011). “A construção verbal e visual dos verbetes de um dicionário monolíngue básico em língua inglesa”. *Revel*, 9 (17).
- Fernández-Silva, S. (et al.) (2008). “La variación denominativa desde una perspectiva cognitivo - discursiva”. Em *Actas del XI Simposio Iberoamericano de Terminología (Riterm 2008): La terminología en el tercer milenio: hacia la adopción de buenas prácticas terminológicas* Lima.
- Fernández-Silva, S. (2010). *Variación terminológica y cognición: factores cognitivos en la denominación del concepto especializado*. Barcelona: IULA-UPF.
- Freixa, J. (2002). *La variació terminològica : anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Barcelona: IULA-UPF.
- Heinrich, L. T. (2007). *Dicionário e ensino de língua materna : obras lexicográficas diferenciadas para necessidades distintas*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. [Dissertação de mestrado]
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.

Hoyos, E. A. C. (2002). *Proposta de um dicionário bilíngue de valências verbais português-espanhol*. Assis: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho- UNESP. [Tese de doutorado]

Welker, H. A. (2004). *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus.